

A HIGIENE MENTAL E O ESPIRITISMO (*)

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um sem número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema.

Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número imenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para a realização de aspirações afetivas, para salvar uniões ameaçadas, para restituir a saúde a doentes incuráveis, e ainda para rever entes queridos já mortos.

Não se diga que o fenômeno é essencialmente brasileiro, pois que em todos os países do mundo se têm registrado idênticas manifestações, mas o que se não pode negar é que, entre nós, a tolerância dos nossos códigos, a benevolência das nossas autoridades e a existência de u'a massa considerável de iletrados são fatores os quais, indiscutivelmente, contribuem para incrementar a difusão do espiritismo.

O que mais surpreende é o fato de pessoas de certa categoria social, de instrução secundária e até superior, participarem dessas atividades perniciosas e condenáveis.

Em São Paulo, por exemplo, há bem pouco tempo o surto espírita atingiu um desenvolvimento jamais anteriormente alcançado, tolerado e até incentivado por pessoas às quais assistia o dever de impedir tais atividades e proteger o público ignorante contra semelhantes atentados à saúde psíquica.

Já de longa data vêm os psiquiatras brasileiros, preocupados com o aumento das psicopatias entre nós, e capacitados de que o espiritismo representa papel preponderante na gênese das doenças mentais ocorridas no nosso meio, procurando esclarecer o público, demonstrando os perigos a que se expõem todos aqueles que frequentam sessões espíritas, sobretudo quando possuidores de certa miopragia nervosa.

(*) Conferência realizada pelo Prof. Dr. A. C. Pacheco e Silva, catedrático de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e na Escola Paulista de Medicina, na sessão conjunta promovida pela Divisão de Medicina Social da Comissão Permanente de Ação Social e pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz".

Si em numerosos casos os distúrbios mentais decorrem de fatores mecânicos, tóxicos e infecciosos, não é menos verdadeira a influência dos chamados fatores psicogenéticos, que agem particularmente sobre os indivíduos portadores de constituição hiperemotiva, de sistema nervoso vulnerável, que se deixam facilmente suggestionar.

Já o professor Franco da Rocha, ao assumir a direção do velho hospício de São Paulo, em fins do século passado, se surpreendeu com o grande número de doentes que eram internados no hospital por ele dirigido, cujas primeiras desordens mentais coincidiram com a frequência a sessões espíritas. A esse respeito, o antigo diretor do Hospital de Juquerí, em publicações periódicas, esclareceu o público sobre os fatos por ele observados, pedindo providências às nossas autoridades.

Franco da Rocha, a propósito de um fato que teve então grande repercussão, ocorrido na cidade de Taubaté, escreveu: "Tratando-se de nevropatas, predispostos, reunidos em uma sala a meia claridade, tudo em silêncio, num estado emocional intenso, não há que admirar nas consequências. O estado de emoção, a excitação geral e as modificações circulatorias provocam, principalmente nas mulheres, os ataques histéricos, e as desordens vão mesmo além, à perda completa da razão, como aconteceu em Taubaté e tem acontecido em outros lugares.

Até mesmo um caso de morte foi há pouco observado no Rio de Janeiro e deu-se como morte por traumatismo psíquico. Não é isso linguagem figurada, como pode parecer, porque uma emoção violenta pode produzir o efeito de uma grande pancada; e a linguagem popular já consagrou um termo — sofrer um golpe — para os sofrimentos intensos de ordem moral".

Em regra, a observação dos psiquiatras demonstra que o espiritismo age sobretudo como concausa, agravando uma psicose já existente ou despertando o aparecimento de distúrbios mentais latentes numa pessoa dotada de constituição psicopática.

O professor Henrique Roxo, entretanto, creou uma entidade nosológica por ele denominada "delírio espírita episódico", que se encontra com relativa frequência nos hospitais psicopáticos do Rio de Janeiro. Segundo o eminente professor de Clínica Psiquiátrica da Universidade do Brasil, tal forma clínica surge após a frequência de sessões de baixo espiritismo, durante as quais o paciente fica extremamente impressionado com o estado de excitação psico-motora dos presentes, que não raro caem em crises convulsivas do tipo histérico. Suggestionado pelos quadros observados, o paciente entra a cogitar sobre a possibilidade de estar sob a ação do espírito de uma pessoa já morta e começa a perceber vários distúrbios da sensibilidade profunda, que um estado de grande emotividade ainda mais agrava. Surgem depois alucinações de caráter auditivo e finalmente as idéias delirantes, sobretudo persecutórias. Tais delírios espíritas episódicos são muito mais comuns nas classes populares do que nos outros meios do Rio de Janeiro e seriam também mais frequentes no

Brasil do que na Europa, o que se explicaria pelo grande número de doentes de raça negra, que revelam maior credulidade e mais fácil sugestibilidade.

A nossa observação pessoal tem demonstrado o fato de muitos doentes mentais ficarem privados de tratamento adequado e terem mesmo os seus distúrbios agravados em virtude do falso conceito das famílias no tocante às causas das doenças mentais. Não raro, quando um doente apresenta idéias delirantes ou tem propósitos disparatados é logo levado pelos parentes às sessões espíritas, com o objetivo de libertar o paciente do mau espírito que nele se encarnou, gerando os distúrbios apresentados.

No exercício de mais de vinte anos de clínica psiquiátrica em nosso meio, temos observado um sem número de deuses mentais suggestionáveis e crédulos, incapazes de um juízo crítico severo, apresentarem surtos delirantes após presenciarem sessões espíritas ou delas participarem ativamente.

Casos há, também, de indivíduos dotados de constituição hiperemotiva, esquizoide, histérica ou mitomaníaca, que, embora dessem anteriormente demonstrações de certa anormalidade na conduta, ainda se revelavam compatíveis com o meio social, os quais, após se entregarem ao espiritismo, se tornaram francamente alienados, exigindo imediata internação, em virtude do aparecimento de desordens sensoriais seguidas de atos mórbidos de grande perigosidade.

Outras vezes trata-se de um doente mental atacado de uma psicose orgânica, como por exemplo a paralisia geral, que é submetido ao chamado tratamento espírita por meio de passes e outras artimanhas. Só tempos depois, quando a moléstia já é irremediável, em virtude da sua marcha progressiva e rápida, é o paciente confiado aos cuidados do médico especialista, que já nada mais pode fazer.

Sei bem que, quando os psiquiatras procuram analisar os males do espiritismo, surgem logo os seus defensores, argumentando com a opinião de sábios como Wallace, Crooks, Gibier, Lombroso, Zoellner, Myers e sobretudo de Charles Richet, que se mostraram seus adeptos fervorosos.

Comparar, entretanto, os estudos da ciência metapsíquica com o chamado entre nós baixo espiritismo, prática que se confunde com as bruxarias, macumbas e magias, manejadas ora por indivíduos que vivem a explorar a credulidade pública, outras vezes por pituáticos atuando sob a ação dos seus distúrbios, é profundamente lamentável.

Já que estamos debatendo problemas psicológicos e psicopatológicos contemporâneos, cremos não fugir aos objetivos que temos em vista ao nos determos nessa diferenciação.

Richet, com a sua habitual clareza, definiu como fenômeno metapsíquico todo aquele que não pode ser explicado pelos fatos conhecidos, classificados, clássicos, seja da psicologia normal, seja da mecânica normal, seja da fisiologia normal.

Assim, segundo Richet, três fenômenos fundamentais formam a base dessa nova ciência:

1.º) A criptestesia (lucidez dos antigos autores), quer dizer uma faculdade de conhecimento diversa das faculdades sensoriais normais. À criptestesia se deveriam relacionar as munições ou pre-munições, que são a revelação de um acontecimento passado, presente ou futuro;

• 2.º) A telequinesia, quer dizer uma ação mecânica diferente, de forças mecânicas conhecidas, que se exercem sem contacto, à distância, em condições determinadas, sobre objetos ou pessoas;

3.º) A ectoplasma (materialização dos antigos autores), quer dizer a formação de objetos diversos que, frequentemente, parecem sair do corpo humano e que tomam a aparência de uma realidade material.

A criptestesia constitue a metapsíquica objetiva; a telequinesia e a ectoplasma entram na metapsíquica subjetiva. Essas três ordens de fenômenos constituem toda a metapsíquica. Ir além, afirma Richet, já não é mais fazer ciência, mas esta deve admitir esses três fenômenos, que ela tem recusado aceitar até o presente momento.

Richet analisa as diversas teorias propostas para explicar a existência desses fenômenos e as reduz a três hipóteses diferentes: 1.^a) a teoria espiritual, que para ele se afiguraria a menos verdadeira e segundo a qual tais fenômenos estariam relacionados com os mortos, cuja consciência, longe de desaparecer, continuaria a existir (sem substratum material); 2.^a) teoria segundo a qual existiriam anjos e espíritos que, potentes mecânica e psicologicamente, intervêm nas atividades humanas; 3.^a) enfim, uma última teoria, a inteligência humana (alma e corpo), é assaz potente para produzir tanto manifestações materiais (ectoplasias), quanto manifestações subjetivas (criptestesia), que nos causam estupefacção.

Embora admitindo esta terceira hipótese como preferível às duas outras, Richet a considera bastante inconsistente, como se deduz de suas próprias palavras “Eu sinto quanto ela é fragil e ridícula, e quasi tão ridícula quanto as outras duas”.

Nenhuma hipótese verosimil teria sido para ele aventada e, sendo assim, reina a mais completa ignorância no que respeita a tais fenômenos. “Não sabemos nada desse mundo inexplorado, ainda cheio de mistérios, diante do qual permanecemos mudos e estúpidos, assim como um Hottentote diante dos turbilhões de Poincaré, as ondas de Hertz, os micróbios de Pasteur ou a relatividade de Einstein”. Esta ignorância não será porém perpétua. Dia virá, e talvez não muito distante de nós, em que uma descoberta imprevista abrirá horizontes novos”.

Eis aí, na sua singeleza, as palavras de um grande homem da ciência, que ao se despedir dos seus alunos, ao encerrar o ciclo das suas lições maravilhosas, por atingir os limites da idade, concitava-os a não descrerem da nova ciência. São ainda suas estas palavras: “Eu calculo que uma das grandes tarefas do século XX será dar à metapsíquica toda a sua amplitude. Tarefa pesada, mas grande

obra, que toca aos fisiologistas tornar ainda mais bela. Eramos tentados a crer que no porvir, no imenso porvir, a ciência se limitaria a termômetros mais delicados, a galvanômetros mais sensíveis, a microscópios mais penetrantes, a telescópios de maior campo. Pois bem, a ciência irá muito, muito mais longe. Ela não se contentará com essas medíocres conquistas. Mundos imprevistos se abrirão diante dela”.

Diante dessa sumária exposição, pergunto eu: “Haverá paralelismo entre as palavras, por assim dizer proféticas, de Richet e as idéias que o povo inculto tem desses mesmos fenômenos, atribuindo-os ao sobrenatural? Positivamente não.

A previsão feita por Richet começou a se realizar pouco depois de sua morte. Os fisiologistas, os neurólogos e os psiquiatras podem hoje medir o potencial elétrico do cérebro e suas variações patológicas. Um novo e inesgotável filão foi encontrado que permitirá explicar, em futuro não distante, o mistério impenetrável que até aqui cercava o mecanismo cerebral e as suas relações com o pensamento humano. As ondas bio-elétricas, descobertas por Hans Berger, revelam a existência de um potencial elétrico gerado no próprio cérebro e que se propaga depois por todo o sistema nervoso. A generalização desses métodos registradores, o emprego sistemático da encefalografia, como vem sendo feito nas clínicas neurológicas e psiquiátricas norte-americanas, e os resultados já conseguidos num curto espaço de tempo nos autorizam a dizer que novos horizontes estão se abrindo para a ciência e que, em futuro não remoto, o vaticínio de Richet estará realizado. As chamadas forças ocultas, as energias até aqui misteriosas que o cérebro humano encerra serão perfeitamente explicadas, não pelo sobrenatural, mas por dados científicos precisos e seguros. O homem de amanhã interpretará os fenômenos psíquicos por mais estranha que seja a forma por que se apresentem, com a mesma naturalidade com que hoje aceita as ondas hertzianas, que conduzem o pensamento humano através do espaço a milhares de quilômetros e que são apanhadas por aparelhos muito menores e mais simples que o cérebro humano.

Não foi sem razão que C. J. Herrick escreveu “O cérebro humano é o aparelho de estrutura mais complicada que se conhece em ciência. Si todo o equipamento do telégrafo, telefone e radio do continente norte-americano pudesse ser comprimido num vaso de meio galão, seria menos intrincado do que três pintas dos cérebros que encham o vosso e o meu crâneo. Mais de metade do cérebro é representado pela cortiça e todas as partes subjacentes dela dependem. O mais medíocre dos homens tem mais do dobro de tecido nervoso que o mais educado dos chimpanzés”. Aí está a razão por que só agora as novas descobertas no terreno da física, da bioquímica, da psicologia, da fisiologia e da psicopatologia nos permitem vislumbrai a mecânica do cérebro.

Nestes últimos anos o problema da regulação das funções psíquicas vem preocupando os estudiosos do assunto, não sendo poucos

os dados experimentais e anátomo-clínicos que comprovam a existência de um aparelho regulador do cérebro psíquico, localizado muito provavelmente no mesencéfalo ou cérebro médio, ao lado dos centros das funções de nutrição.

As hipóteses levantadas por Camus tiveram repercussão em vários centros científicos, não sendo poucos os pesquisadores que se dedicaram a tais investigações, tendo por base os estudos do notável médico francês, que atribuía ao centro regulador psíquico não só o funcionamento regular das manifestações psíquicas, como ainda uma série de desordens mentais, independentes, segundo essa tese, de um comprometimento direto do manto cerebral.

Experiências realizadas em cães, por Roussy, e mais tarde repetidas por outros autores em macacos, vieram demonstrar que as lesões provocadas em certos pontos da base do cérebro provocariam os mais variados sintomas psíquicos, desde a agitação extrema com alucinações até um estado de torpor com obnubilação psíquica.

As alterações profundas provocadas pela encefalite epidêmica sobre a região basilar do cérebro e as perturbações mentais que se manifestam posteriormente serviram também para demonstrar a realidade dos centros psíquicos.

A importância do estado das emoções e da afetividade e os seus reflexos sobre o psiquismo humano despertaram a idéia da existência de um centro regulador do tonus afetivo, estreitamente relacionado com os demais centros reguladores das funções somáticas e psíquicas.

Lhermitte, uma das mais pujantes expressões da neurologia francesa, diz, com muita procedência “Uma inteligência pura, desprovida de todo estado afetivo, seria destituída de força propulsora; esteril e impotente, um tal espírito, e vemos casos análogos na medicina mental, perderia toda a razão de viver e tenderia de mais a mais a destacar da realidade viva para se confinar num mundo fictício e glacial. Por outro lado, como se poderia desenvolver, livre e maleável, uma corrente de pensamento atravessada por torrentes imprevisíveis de uma vida afetiva liberada pela insuficiência do dispositivo regulador?”

A necessidade de uma adaptação precisa e diferenciada impõe, pois, o desenvolvimento de vários aparelhos reguladores, graças aos quais as funções psíquicas, conservando um harmonioso equilíbrio, assumem, por um estreito contacto com a vida, um poder mais vigoroso e eficiente. O pensamento se reveste de mil reflexos da vida afetiva, onde se origina e surge, assim, em conjunto, mais vivo, mais belo e mais puro”.

Mas, senhores, não nos devemos afastar demasiadamente do assunto que nos cabe desenvolver, deixando-nos empolgar pelos novos horizontes da ciência psiquiátrica. Voltamos, assim, a tratar da profilaxia do grande mal social que é o espiritismo.

Em comunicação feita, em 1936, à Sociedade Médico-Psicológica de Paris, Claude e Cantacusene fizeram interessantes pondera-

ções a propósito desse momentoso problema, as quais devem ser divulgadas. Aqueles autores colheram numerosas observações encontradas na literatura médica, demonstrando a existência de vários quadros mentais engendrados pela prática do espiritismo, citando também o depoimento de vários psiquiatras da maior projeção científica. Entre eles se destacam — Levy Valensi, que denominou ao espiritismo “a antecâmara da loucura”. Dubrem, que escreveu interessante e original monografia intitulada “O espiritismo nas suas relações com a loucura”, conclue “mesmo nas pessoas equilibradas, mas cuja cultura intelectual não lhes permite raciocinar sobre os fatos, tais práticas trazem quasi sempre um distúrbio malsão, um certo mau estar moral, que a saúde pública tem sempre interesse em eliminar. Em presença desses fatos, quer-nos parecer um dever do médico alienista, em primeiro lugar, mas também de toda pessoa interessada na higiene mental, o de coibir o desenvolvimento das práticas do espiritismo, bem como o de procurar, por todos os meios possíveis, impedir os progressos do mal”.

Desse mesmo modo de pensar se revelaram Capgras e Terrien, que salientam “a ação nefasta que pode exercer, sobre os espíritos desequilibrados e hiperemotivos, o hábito de certas práticas ocultas”.

Sollier e Boissier, autoridades no assunto, assim se manifestam “um indivíduo predisposto à loucura, que uma vida simples, calma e bem dirigida teria mantido indene, ou num estado relativamente equilibrado, será levado à alienação com uma extrema facilidade pelo ensaio, mesmo pouco prolongado, do espiritismo ativo. Tudo isso leva a concluir, com Gilbert Ballet, sobre o perigo, em certas pessoas de mentalidade pouco resistente, das práticas do espiritismo”.

Num artigo publicado em Viena, o Dr. Donath é ainda mais categórico quando afirma: “Creio que devemos, sem sombra de hesitação, arrazar, pela interdição legal das assembléias espíritas, o culto de uma superstição vergonhosa para os nossos tempos, que embrutece o povo e é perigosa para a saúde”.

Em sessão da Sociedade Médico-Psicológica de Paris, o prof. George Dumas destacou o fato de ter também observado distúrbios mentais provocados pelo espiritismo.

Diante de um tão grande acervo de provas, ante o testemunho irrefutável de tantos homens de ciência, nacionais como estrangeiros, apontando os perigos do espiritismo, em face dos numerosos casos registrados diariamente em nosso meio, como em todo o mundo, é justo que se adotem medidas de higiene mental coibindo tais práticas que, além de prejudiciais e abusivas, são na maioria das vezes exercidas por pessoas incompetentes e mal intencionadas.

Não se diga que resolução de tal natureza viria impedir o prosseguimento do estudo dos fenômenos psíquicos, ainda do domínio do desconhecido.

Como acabamos de demonstrar, a indagação do psiquismo humano não está ao alcance de toda gente. Sem bases fundamentais, sem estudos aprofundados de física, de bioquímica, de fisiologia, de

psicologia e de psicopatologia ninguém poderá pretender sequer interpretar as mais elementares funções psíquicas, quanto mais conhecer fenômenos até agora obscuros e que ainda escapam ao nosso entendimento.

Aqueles que desejam realmente colaborar para o avanço da ciência e que estão capacitados da existência de outras energias psíquicas, o que é certamente verdadeiro, devem ser os primeiros e os mais interessados em impedir que o povo ignorante e inculto, crédulo e místico, sempre predisposto a acreditar, desde os mais remotos tempos, na influência do sobrenatural no determinismo da loucura, se entregue ao espiritismo, como se faz presentemente em nosso meio.

Ter outra atitude só pode contribuir para desmoralizar o estudo de ciências extremamente importantes, para baralhar os fatos, dando margem a que indivíduos sem escrúpulos, ou desequilibrados, exerçam uma atividade malsã e prejudicial à saúde mental do povo.

O cérebro é, sem dúvida alguma, como já vimos, o órgão do pensamento e muitas das maravilhosas funções por ele exercidas são hoje perfeitamente conhecidas e até registradas por instrumentos de precisão, sem que ninguém se sinta na necessidade de recorrer ao sobrenatural para encontrar uma explicação.

Não admitimos, fundados em dados científicos, o fato das nossas idéias, da própria voz humana ser transmitida através do espaço a milhares de quilômetros de distância, emitida e recebida por alguns eletrotubos colocados em aparelhos relativamente simples, que hoje podemos carregar no bolso? Porque, pois, não admitirmos que o cérebro humano, tão complexo na sua estrutura, que criou as maravilhas do mundo atual, encerre outras forças ainda por nós desconhecidas ou seja capaz de desenvolver outras energias e irradiações, algumas das quais os modernos aparelhos já registram, sem apelar para fluidos misteriosos ou para o espírito dos mortos?

As funções nervosas que ainda nos escapam, inacessíveis aos nossos métodos atuais de investigação, serão certamente descobertas em futuro não remoto pelos pesquisadores de amanhã, que encontrarão também novos métodos para desvendá-las e outros dados científicos para esclarecê-las.

Convém não esquecer que desde a mais remota antiguidade as teorias, os preconceitos e a credulidade humanos não tem variado nas suas bases essenciais. Mas, em tempos idos, quando a humanidade vivia mergulhada na mais completa ignorância, quando se atribuíam as doenças nervosas à intervenção das divindades, numa era de pleno misticismo, era perfeitamente cabível que tais idéias predominassem. Adotar, porém, semelhantes infantilidades nos tempos presentes, de posse de tantas descobertas de que a ciência se enriquece diariamente, já não é mais admissível numa sociedade civilizada.

Abandonar princípios positivos comprovados pela ciência, para se entregar a práticas absurdas, a embustes grosseiros de um grupo de indivíduos que confunde lamentavelmente a ciência com a práti-

ca de manobras ridículas, utilizando-se de criaturas históricas para reeditar cenas primitivas e reviver episódios da Idade Média, é incompatível com o momento presente.

Já não é sem tempo da humanidade se libertar de preconceitos milenários e retrógrados, de concepções falsas e inverosímeis, para inaugurar uma nova e fecunda fase de progresso fundada na verdade positiva.

Grasset, com a sua incontestável autoridade, ao tratar do assunto, escreveu “Quando se discutem os títulos de um dos nossos conhecimentos de existência científica não se podem admitir como meios de demonstração senão a observação, a experimentação, a dedução ou a indução.

Um conhecimento até então ignorado, uma vez esclarecido, deixa de fazer parte das ciências ocultas. Um milagre que se explica cientificamente deixa de ser um milagre para entrar no rol das coisas acessíveis ao espírito humano.

As funções do cérebro humano são tão biológicas como as de qualquer outro órgão do corpo humano. Os mesmos métodos experimentais, os mesmos princípios filosóficos, o mesmo critério seguido na observação dos fenômenos somáticos devem ser adotados no estudo e na interpretação dos problemas psicológicos e psicopatológicos.

Senhores, permitir que indivíduos leigos exerçam impunemente práticas danosas à saúde do espírito é tão condenável como consentir na adulteração de alimentos que nos envenenam o corpo.

Felizmente para nós, o Novo Código Penal que entrará em vigor a 1.º de janeiro de 1942 virá eliminar muitos desses inconvenientes, uma vez que estabelece no seu artigo 284:

Exercer o curandeirismo:

I — prescrevendo, ministrando ou aplicando, habitualmente, qualquer substância;

II — usando gestos, palavras ou qualquer outro meio;

III — fazer diagnósticos.

Pena — detenção, de seis meses a dois anos.

§ único. — Se o crime é praticado mediante remuneração, o agente fica também sujeito a multa, de um a cinco contos de réis.

Eis aí uma sábia medida de higiene mental, uma arma poderosa para combater no Brasil todos aqueles que até aqui têm indevidamente e impunemente contribuído para agravar o momentoso problema das psicopatias, sob o pretexto de que não ministram no seu tratamento qualquer substância, mas apenas se utilizam de gestos, palavras, passes ou outros meios. Da sua aplicação rigorosa muito esperam os psiquiatras brasileiros, a quem cabe velar pela saúde mental do nosso povo.

A' Divisão de Medicina Social da Comissão Permanente de Ação Social e ao Departamento Científico do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" reiteramos os nossos melhores agradecimentos pela honra que nos foi concedida de ocupar esta tribuna e congratulamo-nos com a sociedade paulista pela alta compreensão que acaba de revelar, amparando e prestigiando a campanha empreendida por aquelas duas entidades culturais, animadas pelo elevado ideal de difundir a higiene mental em São Paulo.

Dr.
Mozart Tavares de Lima Filho

Diretor Clínico do Sanatório Ebenezer

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

•

Vila Capivari
Campos de Jordão

Gengivas doentes?

"PYORRHON"

Dá saúde ás gengivas, porque é remédio e...
é dentifricio